

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

### GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

#### DISCURSIVIDADES NA OBRA INDEXAÇÃO E RESUMOS: UMA ANÁLISE PREFACIAL

Maria Julia Carneiro Giraldes - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Rosane Suely Alvares Lunardelli - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

#### *DISCOURSES IN THE INDEXATION AND ABSTRACTS WORK: A PREFACIAL ANALYSIS*

#### Modalidade da Apresentação: Pôster

**Resumo:** O prefácio de uma obra traz informações a respeito do seu conteúdo, da autoria, além de buscar o efeito de sentido que se quer produzir no leitor. Dada sua importância na orientação da leitura do texto que apresenta, tem-se como proposta analisar, sob a ótica da Análise de Discurso, as discursividades presentes no prefácio de sua 2ª edição. Trata-se de pesquisa documental, de caráter qualitativo. O percurso metodológico compõe-se de estudo bibliográfico e análise do prefácio que será inicialmente dividido em parágrafos sequenciais e examinados a partir dos pressupostos previamente evidenciados. Ainda em sua fase teórica, espera-se com o término do estudo, evidenciar o prefácio como instância ideal para o diálogo, atravessado por tantas vozes e discursos, entre o autor e também prefaciador do livro e seu leitor em potencial.

**Palavras-Chave:** Prefácio; Análise de Discurso; Discursividades; Indexação e Resumos: Teoria e Prática.

**Abstract:** A work's preface brings information regarding its content, authorship, besides searching, the desired sense effect that in the reader. Given its importance on the reading orientation of the text it presents, the proposal is to analyze, under the Speech Analysis optics, the discourses present in the preface of its second edition. It is concerning documental research, of qualitative character. The methodology course is composed by bibliographic study and preface analysis that will initially be divided into sequential paragraphs and examined as from the previously evidenced assumptions. Still in its theoretical phase, it is hoped by the end of the study, to highlight the preface as ideal instance for the dialogue crossed by so many voices and speeches between the author and prefacer of the book and its potential reader.

**Keywords:** Preface; Discourse Analysis; Discursivity; Indexing and Abstracting in Theory and Practice.

### 1 INTRODUÇÃO

A obra *Indexação e Resumos: teoria e prática*, de Frederick Wilfrid Lancaster é de inquestionável relevância para a subárea de Organização da Informação. Considerado como

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

um clássico na Área constitui-se em composição pioneira na sistematização dos elementos imprescindíveis à organização da informação cujo leque de abrangência transcende à Ciência da Informação uma vez que torna-se útil para estudantes, pesquisadores de vários níveis e áreas do conhecimento.

Dada sua importância no contexto mencionado, têm-se como proposta analisar sob a ótica da Análise de Discurso, as discursividades presentes no prefácio de sua 2ª edição (2004), ou seja, como produz sentido, as condições nas quais o texto/discurso foi produzido e como as discursividades, - inscrições dos efeitos da língua-, se encontram no momento da sua formulação. Cabe mencionar que a Análise de Discurso trabalha a relação da língua com sua exterioridade e essas ideias preparam o deslocamento no modo como é tratada a ideologia e a questão da interpretação (ORLANDI, 2012b).

Para Charaudeau (1988, p.5)

[...] o prefácio responde também a uma expectativa, que está inscrita no contrato comunicacional que o define: ele representa uma caução de *verdade* [...], e para isso exige que alguém (de renome, na medida do possível) o assine; deve colocar o conteúdo da obra dentro de uma problemática mais ampla; permite ao seu autor estabelecer uma relação entre as ideias expostas na obra e suas próprias ideias; deve, enfim, colocar em evidência os pontos fortes do seu conteúdo.

O prefácio de uma obra institui-se como espécie de revelação de determinados aspectos do texto, elaborado por seu autor ou por outro estudioso. Em outras palavras, trata-se de um paratexto que antecede uma obra e que além de apresentar e representar de forma sucinta o texto manifesta opiniões, premissas, defendidas pelo autor, além de revelar sua trajetória profissional ou acadêmica. Representar, no âmbito da Ciência da Informação, constitui-se em atividade decorrente de complexo processo cognitivo o qual busca apresentar de modo sintético e lógico, tanto aspectos exteriores como aqueles interiores (conteúdo) do texto, da obra ou documento.

De acordo com Novellino (1998, p. 137)

Representação da informação é a substituição de uma entidade linguística longa e complexa - o texto de um documento - por sua descrição abreviada. Sua função é demonstrar a essência do documento. A representação da informação é um processo primeiro da transferência da informação e necessário para enfatizar o que é essencial no documento, considerando sua recuperação.

À título de esclarecimentos importa mencionar que o estudo em tela é resultado de pesquisas e reflexões geradas no âmbito do projeto de pesquisa denominado “Metarrepresentação do Assunto em Condensações Informativas” no qual fazem parte as autoras. No que tange ao percurso metodológico, trata-se de pesquisa documental, de caráter qualitativo. Em sua fase inicial, são apresentados fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso os quais norteiam a pesquisa. Com relação aos procedimentos a serem adotados, inicialmente será dividido o prefácio em parágrafos sequenciais os quais serão analisados a partir dos pressupostos da AD de linha francesa.

## **2 ANÁLISE DE DISCURSO**

A Análise de Discurso (AD) originou-se França, na década de 1960, no momento em que buscava-se um entendimento da linguagem que extrapolasse a oposição língua/fala, uma nova instância para os estudos da linguagem. Surgiu, então, o discurso, que possibilitou a ligação entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico, considerando-se que as condições sócio-históricas não são secundárias, mas constitutivas das próprias significações. Compreende-se, assim, que o discurso é o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 2004).

A Análise de Discurso elaborada por Michel Pêcheux filiava-se teoricamente aos movimentos de ideias sobre o sujeito, a ideologia e a língua e marca sua originalidade por refletir a relação da ideologia com a língua. Dessa forma, as ideias de Pêcheux, abrem novo campo de estudos e novo entendimento para os estudos da linguagem. A esse respeito, Maldidier (2003, p.15-16, destaque da autora) esclarece:

O pensamento de Michel Pêcheux é um pensamento forte. [...] O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas questões sobre língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano teórico e do dispositivo da Análise do Discurso, que é seu instrumento.

Segundo Baronas e Komesu (2008, p.8) ao articular distintos campos do saber como o Marxismo, a Linguística e a Psicanálise, Pêcheux elaborou uma nova maneira de pensar a linguagem, diferente da conhecida até então, isto é, um sistema constituído por elementos que mantêm uma relação de interdependência imanente, sem qualquer tipo de relação com o sócio-histórico.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

No Brasil a AD tem ligação constitutiva com a exterioridade, o sujeito dividido, o político e a ideologia, além de uma abrangência teórica e metodológica cada vez mais forte e bem fundamentada. A Análise do Discurso apoia-se em conceitos e métodos da Linguística, de modo a ensejar reflexões nas chamadas “novas práticas de leitura”, cujo foco são a construção de arquivos, a leitura da história e sua interpretação. A esse respeito, Orlandi (2001, p.7-8) argumenta:

O próprio dessas práticas é relacionar o dizer com o não dito, com o dito em outro lugar e com o que poderia ser dito. Essa escuta tem de particular o ser sensível às relações de sentido — seja pelo trabalho da memória (o interdiscurso) ou pela menção (à intertextualidade). O que praticamos, então, são novos gestos de leitura, percorrendo os caminhos dos sentidos. Em nosso caso, os sentidos que sustentam a produção de um conhecimento lingüístico que se foi produzindo junto à constituição de nossa língua.

O objeto teórico da AD é o discurso, determinado por um exterior e que exige um deslocamento teórico. Para Orlandi (2012a, p.15), esse enfoque “[...] concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, e essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.” O trabalho simbólico do discurso é a base da produção da existência humana. Nesse sentido a AD articula o lingüístico com o social e estende-se para outras áreas do conhecimento, como História, Sociologia, Psicologia e outras mais. Maingueneau (1997, p.13) expõe que a escola francesa de Análise de Discurso “[...] se apoia sobre os conceitos e métodos da linguística, mas este não é, com toda evidência, um traço bastante discriminador.”

É de interesse da AD as formações discursivas, as quais Michel Foucault entende como um “[...] conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma dada época e para determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.” (FOUCAULT, 2013, p.144).

Outro elemento crucial em AD é o fato de o discurso ser efeito de sentidos entre locutores, por isso, é fundamental compreender

[...] que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos) (ORLANDI, 2007, p.20).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

A AD parte de uma concepção de ciência da linguagem que não se define como a Linguística imanente: articula a língua com a ideologia e considera como parte constitutiva do discurso o contexto histórico-social, as condições do discurso, ou seja, como ele foi produzido. Além de ter o discurso como seu objeto próprio, a AD interessa-se pela língua funcionando na criação de sentidos e analisa unidades além da frase, o texto. Admite não ser a linguagem transparente, contudo, não procura atravessar um texto para encontrar um sentido do outro lado, mas indaga: como esse texto significa? Há um deslocamento e a questão a ser respondida não é “o quê?”, mas “como?”. Para respondê-las, não trabalha com os textos apenas enquanto ilustração ou documento de algo já sabido em outro lugar, exemplificado pelo texto. Enfim, produz conhecimento a partir do próprio texto, possuidor de materialidade simbólica própria e espessura semântica, concebendo-o, dessa forma, em sua materialidade (ORLANDI, 2012a).

Orlandi (2012b, p.14) destaca que “[...] o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre ‘pedaços’, ‘trajetos’, estados do processo discursivo.” Com efeito, é preciso pensar discursivamente: na circunstância da enunciação ou da comunicação (cenário), no contexto sócio-histórico, na memória discursiva (o princípio da autoridade no conjunto das múltiplas formulações) e no modo de circulação.

Quanto ao discurso, é o espaço da concretização da materialidade ideológica. No tocante ao texto, consideramos:

[...] sua materialidade (com sua forma, suas marcas e seus vestígios); como historicidade significativa e significada (e não como ‘documento’ ou ‘ilustração’); como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto; como unidade de análise que mostra acentuadamente a importância de se ter à disposição um dispositivo analítico, compatível com a natureza dessa unidade (ORLANDI, 2012b, p.12).

Acrescenta-se ao exposto a questão da articulação da ideologia com o discurso, em que dois conceitos são fundamentais: a formação ideológica (FI) e a formação discursiva (FD). Segundo Orlandi (2012a, p.43), “[...] a Formação Discursiva (FD) se define como aquilo que numa formação ideológica dada — ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio- histórica dada — determina o que pode e deve ser dito.”

Finalizando as considerações a respeito da Análise de Discurso, cabe citar Orlandi (2011, p.116) para quem a “AD não é um nível diferente de análise, se pensarmos a partir de

uma afirmação ao nível metodológico, ela é um ponto de vista diferente. Isto é, o problema é antes de tudo metodológico.”

### **3 ANÁLISE DO PREFÁCIO: ETAPAS INICIAIS**

A análise do prefácio da obra “Indexação e Resumos: teoria e prática” fundamenta-se na ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Nesse sentido entende-se que o texto é o lugar de manifestação material do discurso. Por outro lado, ele é igualmente o lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Dessa forma, a tarefa de análise será a de compreender os sentidos presentes no prefácio e como ele pode ser lido. Ao investigar o processo de produção do discurso evidencia-se em Orlandi (2012b, p. 9), que ele perpassa por três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas;
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

Depreende-se então do excerto que a produção de sentidos envolve três momentos inseparáveis: a constituição, a formulação e a circulação. De acordo com Orlandi (2012b, p. 11), “[...] é a dimensão vertical, a da constituição, do interdiscurso (a memória, o saber discursivo) que organiza a repetição e também provoca eventualmente o esquecimento, e mesmo a denegação.” A autora complementa que

[...] o interdiscurso (constituição: dimensão vertical, estratificada) que determina o intradiscurso (formulação: dimensão horizontal, o da linearização do dizer). Todo dizer (intradiscurso, dimensão horizontal, formulação) se faz num ponto em que (se) atravessa o (do) interdiscurso (memória, dimensão vertical estratificada, constituição) (ORLANDI, 2012b, p.11).

Nesse momento, a distinção entre constituição e a formulação fez-se necessária. Orlandi (2012a, p. 32-33) esclarece que a constituição, entre outras palavras, o interdiscurso é representado por um eixo vertical, no qual estão todos os dizeres já ditos e esquecidos, em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível; e o eixo horizontal, o intradiscurso, é o da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele dado momento, em determinadas condições.

A constituição, chamada de interdiscurso, é representada por um eixo vertical, é onde se têm os dizeres já ditos e esquecidos, representando o dizível. Ela determina a formulação, pois só pode-se dizer (formular) se for voltada à perspectiva do dizível, do interdiscurso. Todo dizer, na realidade, se encontra na junção dos dois eixos — o da memória (constituição) e o da atualização (formulação) e é desse jogo que se extraem sentidos (ORLANDI, 2012a).

De acordo com o panorama sucintamente apresentado, serão analisados os parágrafos que compõem o prefácio como intuito de evidenciar as discursividades presentes e os efeitos de sentido que buscam suscitar. Tal proposta vai ao encontro das concepções de Machado (2014, p.1138) ao argumentar que “As palavras do prefácio não são apenas uma amostragem do lado teórico do linguista: elas deixam entrever também algo de seu percurso de vida, de sua luta para defender não apenas suas opiniões como também as descobertas ou avanços de seus orientandos.”

#### **4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Considerado como representação do assunto abordado na obra, o prefácio veicula informações a respeito de modificações que podem ter ocorrido na edição, o conteúdo abordado, o percurso acadêmico e profissional do autor do texto que o originou, bem como sua concepção a respeito da temática discutida. Dada sua importância no contexto atual, torna-se possível considerá-lo como relevante material produtor de sentidos, uma vez que é construído por meio da interação entre os interlocutores. Ainda em sua fase teórica, o estudo em tela, buscará no decorrer da pesquisa, identificar formações discursivas e ideológicas recorrentes com o intuito de ressaltar as discursividades na construção dos efeitos de sentido no prefácio.

#### **REFERÊNCIAS**

BARONAS, Roberto Laiser; KOMESU, Fabiana (Org.) **Homenagem a Michel Pêcheux**: vinte e cinco anos de presença na análise do discurso. Campinas: Mercado de Letras, 2008. 216 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2.ed.rev. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004. 117 p.

CHARAUDEAU, P. Préface. In: BOYER, H. **L'écrit comme enjeu**. Paris: Didier/Credif, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. 244 p.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

MACHADO, I.L. O prefácio visto como uma prática discursiva em que diferentes vidas e obras se entrecruzam. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. Pouso alegre, v.12, jan.-jun./2016 Disponível em: < <http://www.entremeios.inf.br> > Acesso em: 01 jun.2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3.ed. Tradução Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Gloria de Deus Vieira de Moraes. Campinas: Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MALDIDIÉ, Denise. **A Inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003. 110 p.

NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 137-146, jul./dez. 1998. Disponível em:  
<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003245&dd1=d0789>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10.ed. Campinas: Pontes, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012b.

\_\_\_\_\_. **As formas de silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e construção da língua nacional**. Campinas: Pontes; Cáceres: UNEMAT Ed., 2001. 307p.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6.ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.